

Linguística:

Linguagem,
línguas naturais e
seus discursos

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Linguística:

Linguagem,
línguas naturais e
seus discursos

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

iStock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^a Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Brito de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramirez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística: linguagem, línguas naturais e seus discursos

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os autores
Organizador: Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística: linguagem, línguas naturais e seus discursos /
Organizador Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-265-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.651212107>

1. Linguística. I. Vasconcelos, Adailson Wagner Sousa
de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA: LINGUAGEM, LÍNGUAS NATURAIS E SEUS DISCURSOS**, coletânea de trinta capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos, estudos literários; estudos em educação, leitura e ensino.

Estudos linguísticos traz análises sobre gramática, historiografia linguística, lexicogramática, metáfora, linguagem voltada à comunicação, sentido, gesto-fala, língua inglesa, tecnologia, discurso, análise do discurso.

Em estudos literários são verificadas contribuições que versam sobre discurso e literatura nas mídias digitais.

Estudos em educação, leitura e ensino congrega estudos sobre profissional docente, formação de professores indígenas, intervenção pedagógica, sistema público educacional, leitura e ensino de língua.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

POR UMA EDIÇÃO CRÍTICA DA GRAMÁTICA DE ANCHIETA (1595)


Leonardo Ferreira Kaltner

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121071>

CAPÍTULO 2..... 13

O CONCEITO DE LETRA NA GRAMÁTICA QUINHENTISTA DE JOÃO DE BARROS, À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA (HL)


Leonardo Ferreira Kaltner

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121072>

CAPÍTULO 3..... 23

UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL DE TEXTOS SAGRADOS DA UMBANDA: LEXICOGRAMÁTICA E MANUTENÇÃO COSMOLÓGICA

Cláudio Márcio do Carmo


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121073>

CAPÍTULO 4..... 35

A PERSONIFICAÇÃO DO CORONAVIRUS NAS CHARGES: PROLEGÔMENOS ACERCA DAS METÁFORAS BÉLICAS PRODUZIDAS NO COTIDIANO DOS TEMPOS DE PANDEMIA

Jacimara Ribeiro Merizio Cardozo

Sérgio Arruda de Moura


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121074>

CAPÍTULO 5..... 51

INFORMAÇÃO EM ÉPOCAS DE PANDEMIA: UM OLHAR DO PONTO DE VISTA DA LINGUAGEM VOLTADA À COMUNICAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA

Sandro Omar de Oliveira Santos

Ruberval Franco Maciel


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121075>

CAPÍTULO 6..... 64

NÓS OU A GENTE?

UMA OBSERVAÇÃO EM ALAGOINHAS, BAHIA

Fernanda Figueira Fonseca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121076>

CAPÍTULO 7..... 75

O SILÊNCIO E O SENTIDO NA LINGUAGEM (A)TÍPICA


Tamiles Paiva Novaes

Simone Maximo Pelis

Adriana Vespasiana Magalhães Dias

Iva Ribeiro Cota


Jhenifer Vieira da Silva
Elisângela Andrade Moreira Cardoso
Brena Batista Caires
Débora Evelyn Macedo dos Santos Silva
Gabriela Cangussu de Souza Moraes
Nirvana Ferraz Santos Sampaio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121077>

CAPÍTULO 8..... 87

A RELAÇÃO GESTO-FALA NOS MOMENTOS DE FLUÊNCIA/DISFLUÊNCIA NA APRESENTAÇÃO ORAL DE PESQUISA CIENTÍFICA


Cirana Raquel Vasconcelos Dantas
Késia Vanessa Nascimento da Silva
Renata Fonseca Lima da Fonte

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121078>

CAPÍTULO 9..... 97

ESTAGNAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL


Cássia Cristina Rezende
Denner Robert Faria
Paulo César Rezende
Aline Franciel de Andrade
Jaqueline Lima da Conceição Souza
Laylla Luanna de Mello Frasca
Mariana Aguiar Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121079>

CAPÍTULO 10..... 108

EXPLING: UMA PLATAFORMA AMIGÁVEL À EXPERIMENTAÇÃO LINGUÍSTICA *WEB*


Victor Pereira de Lima
Graziele Soares
Kátia Nazareth Moura de Abreu

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210710>

CAPÍTULO 11 130

TECNOLOGIA, FORMA CULTURAL E MEDIAÇÃO EM “DAS MASSAS À MASSA”: MÍDIA E DISCURSO


David Christian de Oliveira Pereira
Edwani Aparecida Pereira
Zelinda Maria Albuquerque Pinheiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210711>

CAPÍTULO 12..... 140

REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA A MULHER NA MÍDIA *ONLINE* SOB APORTE DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA


Diego da Silva Hilarino
Juliana Ferreira Vassolér

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210712>

CAPÍTULO 13..... 151

FEMINICÍDIO: OS SENTIDOS NOS CONSTRUCTOS DO DISCURSO DA IDEOLOGIA PATRIARCAL EM JOÃO DE BARRO E CABOCLA TERESA


Alguimar Amancio da Silva
Marlon Leal Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210713>

CAPÍTULO 14..... 166

“VOCÊ QUER A BUNDINHA?” - A CONSTRUÇÃO DO DESLIZAMENTO DO SENTIDO EM ANÁLISE DO DISCURSO


Alguimar Amancio da Silva
Marlon Leal Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210714>

CAPÍTULO 15..... 178

O DISCURSO PRESENTE NA OBRA LITERÁRIA DE GRACILIANO RAMOS EM “VIDAS SECAS”: A INTER-RELAÇÃO ENTRE A ESCASSEZ DA LINGUAGEM VERBAL E A EXCLUSÃO SOCIAL


Moyana Mariano Robles Lessa
Alinne Arquette Leite Novais
Carlos José de Castro Costa
Hideliza Lacerda Tinoco Boechat Cabral
Carlos Henrique Medeiros de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210715>

CAPÍTULO 16..... 189

IRACEMA, A ÍNDIA DO PAU OCO


Juliana Ferreira Lima Paiva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210716>

CAPÍTULO 17..... 202

TRAVESSIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINAR E APRENDER LITERATURA NO ÂMBITO DAS MÍDIAS DIGITAIS


Carlos Wiennery da Rocha Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210717>

CAPÍTULO 18..... 213

IDENTIDADES EM ESTADO DE TENSÃO: IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE COMO CATEGORIA PERFORMATIVA

Waltersar José de Mesquita Carneiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210718>


CAPÍTULO 19..... 225

FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS NO MUNICÍPIO DE TONANTINS-

AMAZONAS: UM ESTUDO A PARTIR DO PARFOR

Neize Laura de Lima Deveza


Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210719>

CAPÍTULO 20.....237

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NOS CURSOS DE LETRAS: POR UMA EDUCAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA CONSCIENTE


Vera Maria Ramos Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210720>

CAPÍTULO 21.....244

UM NOVO MUSEU DE VELHAS NOVIDADES: O SILÊNCIO, A ESCOLA E O SISTEMA PÚBLICO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210721>

CAPÍTULO 22.....257

AMOR OU ÓDIO? PAULO FREIRE - DISCURSOS DE PODER DO (DES) GOVERNO EDUCACIONAL BRASILEIRO - UM OLHAR A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT

Rodrigo Parras

Marcia Aparecida Amador Máscia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210722>


CAPÍTULO 23.....270

AS PRÁTICAS DE LEITURA SOB A PERSPECTIVA SOCIAL

Dayane Pereira Barroso de Carvalho

Zanado Pavão Sousa Mesquita


Maria da Guia Taveiro Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210723>

CAPÍTULO 24.....279

DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE LEITURA PARA PRODUÇÃO DE RESUMOS A PARTIR DO PLANEJAMENTO COM MÉTODO O CORNELL

Felipe Alves dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210724>

CAPÍTULO 25.....295


UM MENINO, SUA AMIGA, UM FICHÁRIO... E O INCENTIVO À LEITURA: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO REMOTO






Rhaísa Sampaio Bretas Barreto

Priscila de Andrade Barroso Peixoto

Edma Regina Peixoto Barreto Caiafa Balbi

Eliana Crispim França Luquetti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210725>

CAPÍTULO 26	306
LITERATURA QUE LIBERTA: O PROJETO REMIÇÃO DA PENA PELA LEITURA EM UMA UNIDADE PRISIONAL MASCULINA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES	
Caroline de Almeida Delgado Liz Daiana Tito Azeredo da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210726	
CAPÍTULO 27	316
NAS MALHAS DA REFERENCIA(ÇÃO): TECENDO LEITURAS E PRODUZINDO TEXTOS	
Patricia Ferreira Neves Ribeiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210727	
CAPÍTULO 28	324
CONCEPÇÕES DE ENSINO DE LÍNGUA: DESDOBRAMENTOS E PRÁTICAS	
Heliud Luis Maia Moura	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210728	
CAPÍTULO 29	339
O PROCESSO DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM UMA ESCOLA WAPICHANA EM RORAIMA	
Naira Matias da Silva Maria do Socorro Melo Araújo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210729	
CAPÍTULO 30	354
BASE DE DADOS TEXTUAL JURIDOCs: FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NA ÁREA JURÍDICA	
Rosana Corga Fernandes Durão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210730	
SOBRE O ORGANIZADOR	364
ÍNDICE REMISSIVO	365

CAPÍTULO 21

UM NOVO MUSEU DE VELHAS NOVIDADES: O SILÊNCIO, A ESCOLA E O SISTEMA PÚBLICO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Data de aceite: 12/07/2021

Data de submissão: 06/05/2021

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Doutorando do Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL. Campus Darcy Ribeiro - Universidade de Brasília, UnB – (PG) Campo Grande, Mato Grosso do Sul
<http://lattes.cnpq.br/6486522742953676>

RESUMO: O presente texto tem por intuito discutir e problematizar a respeito de alguns dos motivos que velhos paradigmas e velhas ideologias são revestidas de tempos-em-tempos sem desocupar seu lugar hegemônico de poder. Será isso fruto de um sistema educacional sucateado e cheio de falhas? O qual trafega entre desvios de verbas, a falta de preparação “não intencional” dos profissionais que não consideram realizar problematizações, ou que já se encontram em fim de carreira e nada mais importa, senão a aposentadoria. Salienta-se ainda a figura da escola e outros assuntos que contextualizam em torno deste quesito. Assim sendo, a escola possui em sua lista de problemas não apenas o problema de repasses da verba pública, mas, também, ela não consegue se desvencilhar da figura de máquina que oprime e joga para a margem social enquanto educa. Nesta esteira, para fundamentar o trabalho, nomes como, por exemplo, Marisa Lajolo, Paulo Freire, Regina Zilberman, Michel Foucault entre outros foram requisitados.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema Educacional Público Brasileiro. Escola. Segregação. Ideologia.

A NEW MUSEUM OF OLD NOVELTIES: THE SILENCE, THE SCHOOL AND THE BRAZILIAN PUBLIC EDUCATIONAL SYSTEM

ABSTRACT: This paper aims to discuss and problematize some of the reasons why old paradigms and old ideologies are coated from time to time without vacating their hegemonic place of power. Is this the result of a scrapped and flawed educational system? And that travels between misappropriation of funds, the “unintentional” lack of preparation of professionals who do not consider making problematizations, or that are already at the end of their careers and nothing else matters, but retirement. The figure of the school and other issues that contextualize around this question are also highlighted. Thus, the school has in its list of problems not only the problem of transfers of public funds but also, it cannot get rid of the figure of machine that oppresses and plays for the social margin while it educates. In this vein, to support the work, names such as, for example, Marisa Lajolo, Paulo Freire, Regina Zilberman, Michel Foucault among others were requested.

KEYWORDS: Brazilian Public Education System. Schooling. Segregation. Ideology.

1 | PRIMEIRAS PALAVRAS

Existe uma aura-fantasmagórica que está vinculada à ideia de que nosso sistema educacional é/está ultrapassado, não somente

pela visão organizacional, como também, por causa da falta de criticidade apresentada em relação aos assuntos de cunho educacional e, também, pela visão tecnicista que vem semeada em torno do Ensino Médio. Assim, não é difícil encontrar pessoas que desacreditam da educação pública brasileira e depositam insatisfações no sistema educacional que possuímos. Nada de novo neste horizonte.

Uma das situações que pode ser observada é que os currículos educacionais são/possuem conteúdos que não abrangem aspectos pontuais da diversidade de nossa sociedade. Em sentido amplo como, por exemplo, questões em torno da linguagem usada pelos aprendizes, como também, conteúdos que em quase não os representam, se pensarmos nas tantas escolas periféricas do organismo que é a sociedade, lugar o qual os aprendizes estão inseridos, isto é, sua realidade.

Quando o refletir é feito, percebe-se que, a escola está orbitando a zona das instituições que segregam de forma cruel, pois, na atualidade – pleno século pós-iluminismo, a educação é vista como comércio. O conhecimento é tratado como mercadoria, sendo vendido nas empresas de ensino e, além de ser lucrativo este comércio é tendencioso, isso claro, estamos pensando nas escolas que estão no âmbito particular, e que neste momento não é o foco das provocações.

O ensino público brasileiro, além de ser esmagado por propostas descabidas e descontextualizadas¹, nos saltam aos olhos tamanho descaso e desrespeito com o sistema, ao perceber como ele se encontra sucateado. Algumas escolas, as poucas que ainda se mantêm de pé, são forçadas a aderirem uma aprovação compulsória, isto é, se não a verba que irá ser destinada para ela no ano seguinte pode ser cortada em fatias, justamente, por não conseguir suprir as expectativas de um Estado que busca quantidade e não qualidade.

No entanto, é sabido que a escola vem sendo pressionada, já há bastante tempo, por um pensamento que só funciona na teoria e não enxergam quase nada da realidade da educação pública no/do país, dos profissionais, que com salários ridículos, sustentam uma das pilastras sociais da parte física das instituições que não possuem suporte estrutural para manter o ensino integral, e, ainda sim, são subjugada a fazê-lo. De recursos que são lapidados e usurpados cada vez mais, que em uma permuta funesta sempre a açoita ou a saúde, outro setor que divide, de forma medonha, o troco com a educação, e que para a maioria da sociedade, a parcela proletária, principalmente, precisa de ambas para subsistir pelas vielas sociais que existem no país.

O vocábulo – empresas – vem sendo utilizado para marcar de forma clara a ideia de ensino via aspectos empresariais, perdendo quase que, totalmente, a ideia de instituição, ou seja, aquela antiga ideia vinculada a figura da academia, isto é, lugar onde se adquire

¹ Por incrível que pareça, não estou (ainda) fazendo menção as situações recentes do ano de 2020-2021, anos os quais, visivelmente, houve o maior descaso com a Educação por parte da administração pública em todas as suas esferas, isto é, federal, estadual e municipal. Usar a Pandemia como desculpa para articular ainda mais o sucateamento do ensino público é algo maligno e foi posto em prática. O resultado será cobrado daqui alguns anos. Se a defasagem já era um problema seríssimo a ser encarado antes da era Bolsocoviadiana, ela se tornará um problema ainda mais infeccioso.

não somente a formação intelectual, mas também, o lugar onde o indivíduo possa se desenvolver enquanto ser humano, aprendendo direitos e deveres, em outras palavras, exercer a nossa cidadania.

A partir do momento que apenas se aprova, perde-se por completo o que nas palavras de Paulo Freire (1994, p. 12) muito nos representa: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Essas possibilidades caem por terra, a partir do momento em que aprovar o aluno se torna uma das ações fundamentais para se manter a escola com o mínimo do mínimo. Situação horripilante que vem, já há bastante tempo, sendo predominante na educação pública brasileira.

A figura responsável de possibilitar uma melhora considerável no aspecto social do país é, também, a do professor, e isso já se tornou um clichê na boca de muitos. Entretanto, nessa humilde reflexão, caro leitor, a figura do professor é vista como Paulo Freire salientava, ou seja, do professor facilitador, do professor educador, a figura do professor enquanto formador de opinião, formador de cidadãos, e que em um recorte específico de tempo precisarão estar preparados não somente intelectualmente, isto é, com a bagagem de conhecimentos fundamentais, para a vida em sociedade.

A figura deste profissional não é vista somente como o professor – profissional da área da educação, quando se refere ao projeto empresarial oferecido pelo setor privado, podendo ser encarado como comerciantes de conhecimentos. No setor antagônico a esse, ou seja, a escola pública, o entrar em sala de aula, com apenas o livro didático, giz e um apagador, e tentar de todas as formas transmitir o mínimo do mínimo de conhecimento para o alunado, é abrir a uma caixa de pandora a cada dia letivo.

O posicionamento de bons professores perante a realizações de tarefas que desenvolvam o senso crítico dos alunos é visto como certo tipo de problema, pois, proporcionar o enriquecimento cultural dos alunos, além de algo difícil realização devido às inúmeras barreiras que precisam ser transpassadas, é também um ato de liberdade, de consolidar o aluno autônomo, ato este, que, incomoda em muito a elite e o governo, principalmente, se este aluno for de alguma das várias minorias que compõem o país.

Outro fator que marca, o ensino público brasileiro, é a grande variedade cultural, de linguagens e gêneros que a escola não conseguiu acompanhar em seus currículos, marginalizando a parcela da sociedade a quem chamam de minoria, sendo eles excluídos de dentro das próprias salas de aula. O conhecimento começa a ser negado as minorias, quando o texto da reforma curricular, principalmente no Estado do Mato Grosso do Sul², do Ensino Médio excluí da grade disciplinas que ajudam a compor o pensamento crítico como, por exemplo, a literatura. O que se alega é um ensino “modernizado”, “maleável”, e que afirmam ser para a profissionalização do jovem-aprendiz, tornando algumas disciplinas de humanas optativas dentro da área de conhecimento escolhidas por eles.

² Estado o qual eu resido na última década.

Mas a crítica sobre o assunto, longe de querer debater sobre capacidade de decisão ou as constantes mudanças de opinião, afinal, as coisas mudam, ou deveriam, as pessoas mudam, ou deveriam, a vida se transforma, para o bem ou não. O que se destaca no assunto é, justamente, a inviabilização ao/do conhecimento, uma vez em que, as escolas poderiam incentivar a pesquisa em sala de aula, tornando o aluno realmente autônomo em seu aprendizado, levando-o com mais segurança a escolha de sua profissão. Infelizmente, o que vemos são pessoas envolvidas em assuntos educacionais com “notório saber”, e sem prática de sala de aula, ou que realmente estejam preocupados com a situação educacional do/no país.

O fortalecimento das ideologias conservadoras e excludentes acontece por falta de uma visão sofisticada, em que o foco se torne, realmente, a formação intelectual do aluno. A experiência docente, das escolas públicas, mostra jovens entre 14 e 16 anos optando por projetos educacionais como, por exemplo, o EJA (Educação de Jovens e Adultos), seja pela situação de reprovação, privação da liberdade e entre outros. Se colocarmos no papel e buscar de forma crítica a visão do EJA, constata-se que, ele é um dos meios escolhido para engessar o aprendizado de forma concisa e densa, isso pode ser observando o seguinte princípio, se com os anos regulares – Fundamental e Médio – de ensino o alunado ainda precisa amadurecer em inúmeros aspectos, imaginemos em um programa que o aluno realiza o processo de forma mais atropelada do que a forma convencional.

Como se deve pensar ou no que se deve pensar, para que as escolas públicas realizem o trabalho de inclusão de forma lúcida, objetiva e clara? Tem se tornado perceptível que o sistema educacional não consegue lidar com a existência de uma diversidade cultural, de gênero e linguagens dentro da sala de aula. O que está engessando o sistema educacional brasileiro, não permitindo a inclusão social dentro de nossas salas de aula? Essas são questões que precisam estar orbitando a todo o momento em nossas mentes.

Admito que a desconstrução de paradigmas não é feita de um dia para o outro, no entanto, existem questões que não se calam e continuam a circular. Uma delas é de quem seria essa responsabilidade? Levando em conta que, a constituição não é levada a sério pelos governantes, sendo usada com pouquíssimos desvios de regras, em proveito próprio. A reponsabilidade é apenas da escola que assiste o massacre calada, ou da sociedade que transferiu à escola a educação de seus filhos, terceirizando educação familiar. E agora, José?

O que realmente se vê é uma escola sucateada, profissionais desvalorizados, pessoas “habilitadas” dentro de sala de aula, que possuem, em alguns casos não, conhecimento articulado com sua área de formação. Estão na área da Educação por valer mais a pena estar em sala de aula do que trabalhar no comércio, isto é, estar em um setor que pague menos pelo trabalho realizado, ou ainda não compreenderam o ensino como prática social.

21 TÓPICO – “A”

O sistema educacional brasileiro causa o afastamento para as margens da sociedade ou busca agregar valores que impulsionam os alunos para alvejar um futuro digno? A escola é usada como brinquedo, pois, se atentarmos para ela enquanto ensino privado tem-se instituições, literalmente, vendendo conhecimento, não se importando em enxergar pressupostos, por exemplo, sociais, históricos, políticos. Cecília Maria B. Coimbra (1986, p. 14), afirma que “somos profissionais, muitas vezes, do superficial: enfatizamos a relação professor/aluno, a melhoria dos currículos, a modernização das técnicas e métodos de ensino, desvinculando-os de um contexto histórico, social, político e econômico”.

As ponderações realizadas se entrelaçam de forma direta com o mencionado, pois, enxergo a escola como a instituição que possui maior poder no quesito de lutas político-histórico-social. O elemento motriz para que novos pensamentos e propostas estejam no horizonte de expectativa devem ser problematizados, pois, se observarmos o trajeto que a escola vem percorrendo e tudo que é imposto a ela. Nesta esteira, seria hipocrisia afirmar que a escola tem se desenvolvido de forma lúcida ou prodigiosa. Não se trata de delimitar soluções rápidas e práticas, quiçá, superficiais para sanar problemas que se arrastam por décadas, não somente no sistema educacional, sendo pensado em sua estrutura funcional, como também, no quesito da visão que é estabelecida da sociedade para com a instituição e a figura do professor. Esse se encontra, quase, como coadjuvante de toda a história que vem sendo escrita.

O professor, educador-facilitador, pode de forma progressiva construir e desconstruir inúmeros preconceitos e pensamentos que devem ou deveriam ser desconstruídos/desarticulados na/da sociedade como, por exemplo, o preconceito racional, a visão sexista, o machismo, o patriarcalismo entre tantos outros que estão, de forma velada, inseridos em nosso contexto social e, que as pessoas deixam passar, não se apegam em problematizar estes pensamentos ociosos e cheios de ranço e rancor, e que se arrastam por décadas. Onde estará Hamlet?!

Esta ação que, faz parte do todo das funções do professorado, é formar o aluno enquanto cidadão. É uma ação perigosa, pois, ao refletir a situação do profissional que está realizando esta função, constata-se que, a maioria dos profissionais do ensino são levados, quase coagidos, a aceitar um sistema falho e cheio de vícios, em que ou se aceita, entra e faz-se parte, ou é esmagado por ele e conseqüentemente, o desemprego bate à porta. O que resta se assenta em representar o papel que lhe é destinado.

A busca desenfreada por resultados rápidos constrói um discurso segregador, que reforça ou legitima estereótipos, assim, visar o desenvolvimento crítico dos alunos e incentivar o desenvolvimento pessoal de cada educando, dentro de sua individualidade-pluralidade, estimulando a capacidade de criação dentro dos limites de aceitação e respeito às diferenças, preservando acima de tudo as conquistas sociais já obtidas.

Raramente em nossos cursos de formação³ faz-se uma análise política e ideológica de nossa função enquanto educadores numa sociedade dividida em classes. Daqui nascem inquietações como, por exemplo, estamos sendo formados para servir a quem? Para propiciar e desenvolver o que? Para reforçar o poder de quem? Somos levados a refletir criticamente sobre o mundo que nos cerca? Sobre como nos inserimos neste mundo e como poderíamos dele participar de forma mais ativa e transformadora? (COIMBRA, 1986, p. 15).

Tais reflexões deveriam ser realizadas nas escolas, ainda que estejamos vivendo dias sombrios em relação a exercer a função de educadores. Questões como as supracitadas são importantes para se repensar não somente a prática pedagógica professoral, pois, em muitos casos o profissional é colocado contra a parede e tem que dar conta de situações que estão além da sua jurisdição e função.

Este desenvolver da criticidade deve ser pensado não somente pelo educador, mas, principalmente por ele, isto é, para que ações sejam realizadas a escola deve se posicionar enquanto instituição de ensino. Visar a dar subsídios intelectuais suficientes para o alunado, independentemente, de qual posicionamento político-filosófico que o professor tenha. A partir do momento que este pensamento se mistura ao ensino, o desconstruir, segundo pressupostos derridianos, ou seja, de se encontrar o ponto de entrada do discurso e, a partir de fios soltos, procurar tracejar de forma regular e irregular sedimentando o auto apagamento de velhos paradigmas, ou seja, ao mesmo tempo em que se apaga se constrói.

A visão desconstrutiva, ou problematizadora, que nos apegamos não é destrutiva, pelo contrário, busca desconstruir, reorganizar, reler, ressignificar, ainda que este termo venha se tornando banalizado. Ao salientar, a construção ideológica, tomo algumas as reflexões de Marilena Chauí (1980) para enfatizar nossa perspectiva de ideologia e discurso de poder. Chauí destaca a primeira vez em que a palavra, ideologia, surge em uma publicação, isto é, em 1801, em um livro de *Destutt de Tracy, Eléments d'ideologie, Cabanis, De Gérando e Volnei*, os autores pretendiam elaborar uma ciência da gênese das ideias tratando-as “como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano (...) com o meio ambiente” (CHAUÍ, 1980, p. 10), a partir destes escritos a autora cita quatro desses elementos que seguem, “querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória)”. Vale ressaltar que eles se fortalecem uns aos outros assegurando o poder.

Desde 1812, até nossos dias, os manifestos ideológicos ainda soam de forma pejorativa, como forma de imposição de ideias ou opressão por parte de grupos sociais. Após uma declaração de Napoleão ao conselho de Estado, segue: “todas as desgraças que atingem nossa bela França devem ser atribuídas à ideologia, está tenebrosa metafísica

³ Uso formação de maneira mais livre. O sentido empregado relaciona-se com outros, como, por exemplo, Graduação e Formação Continuada. A última é oferecida pela escola aos professores, ou pela Secretaria de educação, estadual e municipal.

que (...) quer fundar sobre suas bases a legislação dos povos em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições de história” (CHAUÍ, 1980, p. 10-11), isso distorce o que as marchas ideológicas sociais almejam.

Verifica-se neste ponto que não é sempre que é feito bom uso do conhecimento, do texto ou do discurso que se aplica a cada um, segundo seus próprios interesses, desde que não construam sistemas herméticos que não permitam questionamentos ou que permitam que a leitura nunca deixe de ser um ato de decodificação entre um sistema escrito para outro (ROJO, 2009, p. 77).

3 | TÓPICO – “B”

Os desafios da educação vão além dos muros escolares. Em teoria a educação deve ser a causa da mudança social e intelectual do alunado. O domínio do código da leitura e da escrita não nos torna seres superiores, ou detentores do conhecimento total, tampouco sujeitos (multi)letrados, integrados às práticas sociais de nossas comunidades em plenitude, visto que, grande parte dos jovens chegam ao ensino médio sem uma boa relação com a leitura, em alguns casos até sem relação nenhuma. Isso cria uma desorientação no indivíduo que não consegue alcançar certos conhecimentos que estão dependendo da realização, nas inúmeras leituras que realizamos no decorrer da vida.

Nesta perspectiva, ressalta-se o que Louis Althusser menciona sobre a prática do ensino e o ensino prático, a saber:

O que se aprende na Escola? (...) uma instrução para os operários, outra para os técnicos, uma terceira para os engenheiros, uma outra para os quadros superiores etc. Aprendem-se, portanto 'saberes práticos'. A Escola ensina também as 'regras' dos bons costumes, isto é, o comportamento que todo agente da divisão do trabalho deve observar segundo o lugar que está destinado a ocupar: regras da moral, da consciência cívica e profissional, o que significa exatamente regras de respeito pela divisão social-técnica do trabalho, pelas regras da ordem estabelecida pela dominação de classe. (...) diremos que a reprodução da força de trabalho exige não só uma reprodução da qualificação desta, mas, ao mesmo tempo, uma reprodução da submissão destas às regras da ordem estabelecida, isto é, uma reprodução da submissão desta à ideologia dominante para os operários e uma reprodução da capacidade para manejar bem a ideologia dominante para os agentes da exploração e da repressão, a fim de que possam assegurar também, 'pela palavra' a dominação da classe dominante. Por outras palavras, a Escola (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) ensinam 'saberes práticos', mas em moldes que assegurem a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da 'prática' desta. (ALTHUSSER, [s./d.], p. 20, 21 e 22).

O pensamento de Althusser constrói algumas possibilidades de compreensão da relação da função social da Leitura, assim, o elo entre os binômios; texto-contexto, realidade-ficção, leitura-mundo, margem-periferia entre outros se torna visíveis, pois, as lentes teriam sido feitas. O despertar da criticidade de cada indivíduo e a afirmação de sua

identidade como cidadão, infelizmente, isso não anda acontecendo com a (de)organização do sistema educacional. Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça salientam o seguinte a respeito do papel social da leitura, a saber:

A leitura é considerada uma atividade ao mesmo tempo individual e social. Individual porque depende do processamento que cada sujeito realiza para compreender, isto é, depende da realização de operações mentais como percepção, análise, síntese, generalizações, inferências, entre outras. Social porque, quando alguém lê, o faz em contextos específicos de interação e isso envolve diferentes comportamentos, atitudes e objetivos na situação comunicativa. A leitura envolve tanto a decifração do código ou decodificação propriamente dita quanto à construção de sentidos (ou construção de coerência) (SANTOS & MENDONÇA, 2005, p. 16).

O que está em discussão não é somente a leitura que se faz de textos escolares, literários ou acadêmicos, mas também, o tipo de leitura que está se fazendo do histórico-social. Uma das finalidades, creio eu, quando se trata de colocar em prática a desarticulação das ideologias construídas, talvez, o movimento de dentro para fora seja necessário.

Marisa Lajolo (1997, p. 46-51) faz considerações pertinentes ao analisar uma poesia, de Cecília Meireles, retratada em um livro didático. “O Vestido de Laura” é o poema, após uma análise profunda na métrica, sintaxe e semântica do poema feita pela autora, ela questiona o exercício proposto pelo livro, uma prática sem contextualização que ao educando não é permitido expor sua vivência, ideias, ou ainda, que o aluno possa expressar, realmente, o que o texto representa em seu contexto sociofamiliar, socioeconômico ou político-social.

As práticas de leitura e produção de textos desenvolvidos na escola, relacionadas a um “letramento escolar”, não se adequaria conforme certas expectativas, ao desenvolvimento socioeconômico-cultural brasileiro, em que os indivíduos convivem em contextos em que a escrita se faz presente de forma mais complexa. O ensino tradicional de alfabetização em que primeiro se aprende a “decifrar um código” a partir de uma sequência de passos/etapas, para só depois se ler efetivamente, não garante a formação de leitores/escritores. (SANTOS & MENDONÇA, 2005).

Neste ponto, vale a pena ainda falar que, a contemplação de elementos que ancorem uma interpretação contextualizada é importante para o aluno, principalmente, se se pensar que é a partir disso que o aluno pode começar a desenvolver sua proficiência como leitor/escritor e sujeito e que, progressivamente, compreende as várias camadas que a sociedade se compõe.

Explorar elementos textuais que contribuam para um relacionamento mais intenso com os alunos e o texto, em particular, nas mais variadas esferas da linguagem, em que cada leitor possa se sentir dono do texto, podendo interpretá-lo, refazê-lo e redesenhá-lo de forma significativa daquilo que o autor deixou como silêncio e não fique apenas como forma de exercícios repetitivos e sem relevância e enfadonhos. Umberto Eco (2003, p. 14-15) afirma que “o mundo da literatura é um universo no qual é possível fazer testes

para estabelecer se um leitor tem o sentido da realidade ou é presa de suas próprias alucinações”, ainda nesse sentido, ele afirma que:

A leitura de obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nela lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade de interpretação, pois propõem um discurso como muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades, da linguagem e da vida. (ECO, 2003. p. 12).

As possibilidades oferecidas pela ideia de desarticular internamente as ideologias propagadas não somente pelas instituições de ensino, mas também, pelas empresas de ensino, oferece ao indivíduo em formação uma educação além da sala de aula. Sendo assim,

(...) vemos que o conceito de cidadania envolve a tomada de decisões, ou práticas sociais por parte de sujeitos ativos localizados sócio historicamente e, ao mesmo tempo, imersos numa sociedade altamente globalizada. A educação para a cidadania dentro de novos conceitos de participação independente, competente e crítica do educando, é um dos principais objetivos do letramento crítico. (MATOS, 2015, p. 177).

As bases sociais de formação, do alunado, iniciam-se quando ele adentra a vida escolar, ou não, naquele sentido, ler tem um sentido mais amplo comparado ao ato de decodificar letras associando-as aos sons das sílabas. A falta de uma leitura de qualidade e descontextualizada afeta bem mais que a vida escolar do educando, a falta desta leitura influencia a vida social, promovendo, por exemplo, a estagnação na marginalidade. Segundo Rojo (2009) a prática da leitura está completamente ligada à vida social do aluno que, por sua vez, está associada à sua capacidade de compreensão de mundo, isto é, de checagem de hipóteses, de retomada de informações, de comparação de informações, de generalização, de produção de inferências locais e globais.

Deve-se, então, buscar a priorização das práticas sociais da educação, não nos fixando nos moldes ditos tradicionais e engessados, destinando ao aluno percepções usuais como, por exemplo, da literatura. Este aspecto deve conter elementos que se sedimentem a vida do aluno.

Organizar o rompimento entre os discursos opressores e excludentes sociais da colonização intelectual é fulcral. A discussão/problematização de temas como este pode ser entendido como: “atingir o ponto fraco que temos em nossa sociedade”. Ir à escola não é um ato apenas vinculado à alfabetização, mas, pode e deve ser visto como um ato revolucionário que demanda tempo, dedicação e que deve ser tratado com o maior respeito e responsabilidade, isto é, a possibilidade de erudição, intelectualização e libertação das amarras sociais (ideologia dominante), tendo como foco o despertar. Em outras palavras, um dos vieses é incentivar a pesquisa dentro das escolas acerca do que é ensinado nos

currículos escolares. Colocar a par os alunos não somente dos deveres, mas também, dos direitos deles.

4 | TÓPICO – “C”

A escola procura desconstruir/problematizar os pré-conceitos que existem em nossa sociedade? Esta é uma pergunta audaciosa. Será que com todos os anos que o Brasil já possui, seu sistema educacional continua progredindo? (se é que algum dia progrediu satisfatoriamente). Ao se pensar nestes pontos, a primeira coisa que me vem à mente é que, a educação não é para todos. Mas, neste ponto reside um problema, pois, é um direito assegurado pela constituição de 1988. Neste ínterim, retomo o imbróglio. Constituição? Isso mesmo, aquele a qual ninguém respeita.

E agora escola? E, agora professores? Qual seria o melhor posicionamento em relação a estes assuntos? A educação tem vivido momentos truculentos. Neste sentido, concordo com Coimbra (1986) quando afirma que a escola, que se apresenta como neutra, tem por finalidade ensinar os valores e costumes de determinada classe social, colocando-os como naturais e universais.

Ao lado das informações chamadas científicas e mesmo embutidas nelas, temos uma ideologia que mostra o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é mau. A competição, a submissão à ordem estabelecida, o medo às autoridades e o respeito à hierarquia são mostrados e ensinados como se sempre tivessem existido e, portanto, passam a ser percebidos como naturais.

É neste lugar que se aprende, com tais valores, a se tornar um “bom” e “respeitável” cidadão⁴. A hierarquia que existe em nossa sociedade ali se reproduz e nisso a disciplina desempenha um papel fundamental através das punições e castigos. É o que Michel Foucault chama de – poder disciplinar, um dos dispositivos sociais mais importantes, notadamente, exercido na Escola.

Ela, portanto, não é a fonte de enriquecimento pessoal e social. Ao contrário, as práticas da classe dominante são ensinadas e fortalecidas, práticas que são essencialmente políticas. Com isso, cai o mito da neutralidade e cientificidade da Escola. A escola que se coloca aberta a todos, que é vista como democrática, que trata a todos da mesma forma, não tem responsabilidade pelos fracassos escolares. O grande número de repetências e evasões passa a ser explicado como responsabilidade dos alunos e suas famílias, algo paradoxal.

Se não conseguem aprender é porque são inferiores, mal alimentados, carentes em vários sentidos. Com isso, a escola reitera o sofisma da inferioridade e marginalidade dos alunos que, geralmente, pertencem às classes populares. Ou seja, ao se naturalizar que os filhos da classe trabalhadora não aprenderem, pois, são inferiores. Escamoteiam-se,

⁴ Ou como é conhecido na atualidade: um cidadão de “bem”.

assim, todas as práticas de exclusão existentes no interior da Escola (COIMBRA, 1986).

Esta visão pode ser transportada para a realidade do ensino, a partir do momento em que decidimos ministrar aulas atreladas à realidade. Desmantelando o máximo possível da abstratividade, isto é, da fuga do que poderia ser entendido como a realidade daqueles indivíduos (alunos), das construções ideológicas nos variados contextos que existem no universo escolar precisa se tornar corriqueiro, pois, enquanto o modelo vigente resistir, resiste também a hegemonia de poder nas mãos dos que o detém.

Um ensino mais dinâmico, mais produtivo e menos ocioso, no sentido de relevância e finalidade, e não praticidade, se torna uma possível chave de leitura. Não afirmo que isto resolveria o problema, pois, como se diz no ditado popular “o buraco é mais em baixo”.

A manutenção dos processos de poder por meio do discurso é a prática mais comum de dominação social/intelectual, a relação educando – educador foi analisada por Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido” (1987), uma relação que sempre foi vista como transferências de conhecimento. É preciso, transgredir, isto é: “ir além de”; “atravessar”. Ir além dos muros da escola como salientado. Em outras palavras, não se tornar joguete a partir de pressupostos de uma dominação intelectual que o enxerga apenas como uma engrenagem, mais um tijolo para o constructo social.

Pior que não atingir o público, é continuar a insistir em um discurso excludente, que trata o aluno apenas como alguém que precise do conteúdo “transmitido” pelo professor, que precisa da nota dada por esse, como se fosse um recipiente vazio, desprovido de conhecimento, não levando em conta o lado sociocultural da educação, como a visão de mundo do aluno. O discurso pode mecanizar, deixar estático e sem produtividade o ensino, ou torná-lo amplo e inclusivo. Formar cidadãos que combatam discursos opressores por meio da leitura e escrita voltados à praxe social, nunca se esquecendo que ler e escrever podem, como devem, ser enxergados como atos políticos, isso em certa medida, se dilata no exercício da cidadania.

Mostrar-se ameno, brando e até mesmo “imparcial” em um discurso, seja a ordem que for, é impossível. Uma vez que, o discurso é de dualidade simultânea com a sociedade. Michel Foucault assevera a impossibilidade, dizendo que antes que venhamos emitir uma voz, “ela já nos precedia há muito tempo” (FOUCAULT, 1999, p. 02), e isto tem ligações íntimas com a visão de mundo que cada um carrega.

5 | PALAVRAS (QUASE) FINAIS

Permitir a autonomia do educando, oxigenar suas ideias a fim de que sua criticidade seja estimulada a partir de autorreflexão que tenham relevância em sua aprendizagem, fazer este indivíduo perceber que o sistema social no qual está inserido é orgânico, vivo, e como tal, sempre haverá discursos de manipulação. Seja esta manipulação midiática, discursiva ou escrita. Outro ponto a ressaltar é a importância da cultura miscigenada brasileira, que

em muitas vezes é desvalorizada entre os jovens. Ao se utilizar o pensamento reflexivo, e verdadeira prática do letramento, atingiremos a atenção dos alunos e assim podemos (re) significar suas práticas discursivas, uma vez que, em nossa sociedade se comunica por meio do conceito de signos e estes são “marcados pela sua época e por um grupo social determinado” (CARDOSO, 2010, p. 02).

O pensamento que trafega fora dos vieses estabelecidos do maniqueísmo sociojudaico-cristão, pode mostrar ao alunado que a autocrítica e autorreflexão são elementos chave para que tornemos melhores, isto é, humanos mais humanos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Trad.: Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Biblioteca Universal Presença; [São Paulo]: Martins Fontes, [s./d.].

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio – OCEM: linguagens códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CARDOSO, Ana Carolina. **Linguagem, discurso e ideologia**. Linguagens e Diálogos, vol. 1, n. 1, p. 122-127, 2010.

CHAUÍ, Marilena: **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Trad.: Eliane Junke. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2009.

NASCIMENTO, Evandro. **Derrida e a literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução**. 3. ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

PEIXOTO, Júlio Afrânio. **Noções de história da educação**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1933.

ROJO, Roxane. **Diversidade cultural e de linguagens na escola: Pedagogia dos multiletramentos**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento**: conceitos e relações. 1. ed., 1. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **Sim, a literatura educa**. In: SILVA, Ezequiel Theodoro. Literatura e pedagogia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 130, 139, 145, 151, 152, 153, 154, 156, 163, 166, 167, 168, 169, 171, 173, 176, 177, 190, 257, 259, 323, 338

C

Comunicação 26, 41, 42, 51, 53, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 67, 76, 77, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 93, 95, 96, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 153, 163, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 187, 191, 203, 204, 205, 229, 231, 263, 269, 284, 328, 342, 348, 354, 359, 360

D

Discurso 8, 21, 26, 32, 36, 48, 49, 50, 72, 74, 80, 86, 88, 93, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 189, 190, 191, 193, 195, 198, 200, 205, 207, 213, 217, 218, 220, 222, 223, 224, 248, 249, 250, 252, 254, 255, 257, 259, 264, 266, 267, 268, 291, 293, 316, 317, 318, 323, 326, 327, 328, 329, 338, 342, 348

Discursos 33, 41, 50, 52, 130, 133, 135, 137, 138, 140, 141, 143, 144, 147, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 162, 168, 171, 173, 174, 176, 190, 195, 212, 222, 223, 252, 254, 257, 258, 263, 264, 283, 328, 330, 332, 335, 336, 337

E

Educação 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 63, 98, 99, 100, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 128, 131, 138, 142, 150, 179, 181, 183, 185, 187, 211, 212, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 245, 246, 247, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 277, 283, 293, 294, 296, 298, 304, 306, 307, 309, 311, 312, 313, 314, 324, 339, 340, 341, 345, 346, 348, 350, 351, 352, 354, 363, 364

Ensino de língua 98, 99, 100, 107, 109, 233, 236, 238, 277, 294, 317, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 336, 337, 338, 342, 352, 364

Ensino remoto 295, 296, 298, 301, 303, 304

Escola 11, 60, 87, 90, 95, 107, 129, 202, 203, 204, 206, 210, 212, 217, 221, 224, 226, 228, 235, 236, 238, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 258, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 294, 297, 298, 299, 300, 301, 305, 314, 316, 317, 321, 323, 328, 330, 336, 337, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 360, 364

F

Formação de professores 100, 104, 106, 108, 208, 211, 212, 225, 226, 227, 228, 230, 236, 283, 341, 360, 364

G

Gesto-fala 87, 88, 89, 95, 96

Gramática 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 33, 34, 69, 73, 74, 104, 109, 147, 219, 238, 242, 274, 332, 335, 336, 342, 346, 347, 351, 353

H

Historiografia linguística 2, 12, 13, 21

I

Índigenas 3, 4, 19, 25, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 241, 339, 340, 341, 342, 344, 346, 348, 350, 351, 352, 353

Intervenção pedagógica 237, 239, 241

J

Jurídico 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361

L

Leitura 2, 4, 8, 9, 11, 28, 44, 50, 59, 71, 81, 83, 99, 104, 111, 114, 116, 117, 118, 122, 128, 129, 134, 136, 144, 151, 155, 196, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 231, 236, 240, 241, 250, 251, 252, 254, 255, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 310, 311, 312, 313, 316, 317, 318, 319, 320, 323, 324, 331, 332, 333, 335, 336, 337, 338, 346, 364

Lexicogramática 23, 27

Linguagem 11, 18, 20, 26, 27, 35, 36, 37, 40, 41, 44, 49, 51, 53, 58, 59, 60, 62, 69, 70, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 96, 98, 105, 109, 128, 130, 131, 135, 136, 138, 145, 147, 149, 152, 158, 168, 169, 172, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 203, 209, 212, 214, 220, 222, 229, 243, 245, 251, 252, 255, 265, 273, 274, 275, 276, 278, 279, 283, 284, 286, 287, 294, 297, 298, 313, 316, 317, 318, 327, 328, 330, 332, 333, 337, 338, 342, 346, 350, 352, 353, 354, 355, 356, 361, 362, 364

Língua inglesa 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Línguas 19, 20, 25, 28, 39, 65, 66, 67, 68, 70, 98, 100, 101, 107, 109, 153, 225, 226, 229, 230, 240, 241, 272, 318, 324, 337, 339, 341, 346, 350, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363

Linguística 1, 2, 3, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 21, 22, 23, 26, 33, 39, 40, 43, 48, 50, 63, 65, 66, 67, 68, 71, 74, 79, 85, 86, 89, 90, 95, 96, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 127, 128, 129, 140, 143, 147, 148, 151, 152, 153, 166, 168, 170, 218, 220, 224, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 273, 274, 275, 279, 286, 293, 316, 317, 328, 329, 334, 335, 336, 342, 352, 355, 356, 364

Literatura 38, 99, 109, 112, 133, 142, 143, 185, 186, 187, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 222, 236, 246, 251, 252, 255, 256, 295, 296, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 306, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 339, 353, 364

M

Metáforas 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 49, 50, 153, 219

Mídias digitais 202, 204, 205, 206, 210, 299

P

Pandemia 35, 36, 38, 40, 42, 43, 44, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 61, 112, 116, 127, 226, 245, 296, 303

Profissional docente 213, 220, 221, 222, 223, 259

S

Saúde 35, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 60, 61, 62, 185, 245, 274, 275, 276

Sentido 25, 26, 27, 28, 31, 33, 38, 41, 49, 51, 53, 58, 61, 67, 69, 75, 78, 80, 81, 82, 84, 90, 92, 95, 130, 134, 135, 138, 143, 148, 152, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 163, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 182, 185, 190, 192, 195, 197, 205, 210, 214, 220, 223, 227, 228, 229, 231, 232, 234, 245, 249, 252, 253, 254, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 275, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 293, 297, 298, 308, 312, 316, 317, 318, 321, 325, 330, 331, 333, 335, 337, 342, 356

Sistema público educacional 244

T

Tecnologia 52, 91, 92, 95, 98, 100, 130, 205, 209, 210, 212, 346, 352

Linguística:

Linguagem,
línguas naturais e
seus discursos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

Linguística:

Linguagem,
línguas naturais e
seus discursos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021